

INDICADORES EMOCIONAIS E FAMILIARES DE DESEMPENHO ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Thamine Araujo Silva

thamine.araujo80@gmail.com

Resumo: O presente estudo busca analisar o comportamento de 9 adolescentes, que apresentam aparentemente sinais de Transtorno da Personalidade com instabilidade emocional, identificados através das queixas constantes e da baixa frequência, ocasionada pelos períodos de desmotivação. O baixo rendimento mostra-se como característica deste grupo. Nosso objetivo é o de identificar as possíveis causas que desencadeiam o baixo desempenho educacional, relacionando com indicadores emocionais e familiares. Através da realização de 10 encontros sistematizados, de cunho psicopedagógico. Destacamos que problemas de comportamento representam uma forte condição de risco para problemas de aprendizagem e que o trabalho com crianças com dificuldades de aprendizagem deve considerar aspectos ligados também ao comportamento e a fatores emocionais. O estudo apresenta-se em fase inicial, no entanto em andamento, para que seja produzido a partir dessa experiência um protocolo pedagógico que sirva de base para intervenções futuras.

Palavras-chave: Indicadores emocionais, indicadores familiares, baixo rendimento, transtorno da personalidade com instabilidade emocional.

Introdução: O presente estudo busca indicar no comportamento de adolescentes que apresentam sinais de Transtorno da personalidade com instabilidade emocional, também chamado transtorno limite da personalidade (TLP) caracterizado por uma tendência nítida a agir de modo impulsivo sem consideração pelas consequências. Para iniciar esse estudo buscamos analisar a dificuldade de aprendizagem que foi apresentada pelos alunos avaliados. Desse modo, delimitamos o problema: fatores emocionais e familiares podem contribuir para a falta de interesse educacional do aluno? Pessoas com esse transtorno possuem humor imprevisível e caprichoso, tendência a acessos de cólera, incapacidade em controlar os comportamentos impulsivos, tendência a adotar comportamentos briguentos e a entrar em conflito com os outros, particularmente quando os atos impulsivos são contrariados ou censurados. Podem ser apontados dois tipos: o tipo impulsivo e o tipo “borderline”. O transtorno representa um desafio no processo de intervenção pedagógica, na escola. Visto que cada mais encontramos alunos com queixas semelhantes ao sintomas do transtorno.

Fernández (1991) defende alguns aspectos acerca das dificuldades de aprendizagem: que causas externas à estrutura familiar e individual: originariam o problema de aprendizagem reativo, o qual afeta o aprender, modalidades de pensamento derivadas de uma estrutura psicótica, as quais ocorrem em menor número de casos; fatores de deficiência orgânica: em casos mais raros. Este relato de experiência objetiva identificar as possíveis causas que desencadeiam um baixo desenvolvimento educacional.

Desse modo diante da dificuldade apresentada pelos alunos que era justamente a dificuldade na aprendizagem, o que podemos perceber no decorrer dos encontros que essa queixa inicial, não tinha seu problema somente no aluno, mas como diz a autora citada acima em causas internas que compõem a estrutura familiar, que pode causar o desejo no paciente de não conhecer e não aprender.

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das

articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade. (SCOZ, 1994, p. 22).

Desse modo é preciso que os problemas de aprendizagem não sejam analisados apenas por um enfoque, mas por diversos meios que cercam a vida do aluno e que podem desencadear nele essa falta de interesse educacional. Justifica-se o estudo e relato de experiência para que esse não seja julgado apenas por um lado o do sujeito ou o da família, mas que seja analisado em conjunto partindo do pressuposto que o problema de aprendizagem pode ser desencadeado através de problemas familiar, emocionais, sociais. Ou seja, não podemos jogar essa responsabilidade somente para o aluno, mas observar e analisar também o meio em que ele vive, se o mesmo contribui para a dificuldade apresentada.

Destacamos que problemas de comportamento representam uma forte condição de risco para problemas de aprendizagem e que o trabalho com adolescentes com dificuldades de aprendizagem deve considerar aspectos ligados também ao comportamento e a fatores emocionais. As associações entre distúrbios de comportamento e problemas de aprendizagem têm sido encontradas em vários estudos, sendo que alguns autores apontam as dificuldades de comportamento como sendo um fator de risco para o baixo desempenho acadêmico (Marturano, Linhares, & Parreira, 1993; Speakman, Herman, & Vogel, 1993; Thompson, Lampron, Johanson, & Eckstein, 1990), enquanto outros indicam que problemas na aprendizagem escolar podem facilitar o desenvolvimento de distúrbios de comportamento graves (Gordon, 1993; Kolvin, Miller, Fleeting, Kolvin, 1988) **Metodologia:** Inicialmente foi realizada uma entrevista semiestruturada em grupo, com os alunos. Essa nos foi importante, pois nos possibilitou obter informações sobre os alunos e também sobre a queixa inicial. Depois houve a realização de dinâmicas e estratégias operatórias, educacionais e afetivas. Essas foram de extrema importância, pois, contribuíram para identificar o estágio educacional em que os alunos se encontravam e também saber sobre a sua afetividade perante os membros da família e todos os que fazem parte do seu convívio. Através da proposta de intervenção a partir da realização de 10 encontros guiados pela coordenadora pedagógica e por alguns profissionais convidados, tem sido feito um trabalho em grupo.

O tema escolhido foi motivado pela inquietação em identificar um significativo aumento das queixas sinalizando para este tipo de problema. Sua queixa inicial é instabilidade emocional, angústia de abandono, percepção de invasão do self, entre outros, que não raro geram comportamentos impulsivos perigosos sendo comum a presença recorrente de atos autolesivos, tentativas de suicídio e sentimentos profundos de vazio e tédio. O início do transtorno pode ocorrer na adolescência ou na idade adulta e o uso dos recursos de saúde e saúde mental é expressivo nessas pessoas.

Resultados: As maiores dificuldades encontradas até agora estão na frequência do grupo, já que a instabilidade emocional, muitas vezes os leva à quadros depressivos. As intervenções estão na fase inicial, mas pretende-se dar continuidade trabalhando pensamentos automáticos, modulação e regulação da emotividade extrema, com o objetivo de reduzir os comportamentos desadaptativos dependentes do estado de humor, trabalhar habilidades sociais, redução de comportamentos que interferem na qualidade de vida do aluno, além de buscar melhoria do desempenho escolar. A partir dessa experiência, e diante das dificuldades apresentadas pretende-se construir um protocolo pedagógico que sirva de base para intervenções futuras.

Discussão: O TLP tem como principal característica a intensidade e a variabilidade dos estados de ânimo. Essas pessoas tendem a experimentar longos períodos de abatimento e desilusão, interrompidos às vezes por breves episódios de irritabilidade, atos de

autodestruição e cólera impulsiva. E isso afeta de forma direta o desempenho dos alunos, visto que passam dias sem comparecer à escola.

Apesar de sua considerável frequência, o TLP, é uma "doença difícil de se classificada, detectada e calculada", assinala o psiquiatra Vicente Rubio Larrosa, presidente da Sociedade Espanhola para o Estudo dos Transtornos da Personalidade, SEETP.

Segundo o doutor Larrosa, embora se conheça como TLP, muitos especialistas consideram que o nome Transtorno de Instabilidade Emocional da personalidade, descreve melhor esse mal. Sua incidência é difícil de ser calculada e seu diagnóstico é complicado, por seu envolvimento com outros transtornos da personalidade e problemas psiquiátricos, e porque apresenta sintomas múltiplos e comuns a outras formas de desordem mental. Sendo confundido em muitos casos com a depressão. Até que o TLP é diagnosticado, um paciente recebeu uma média de oito diagnósticos diferentes.

A origem deste transtorno está em uma conjunção de fatores biológicos, ambientais e de entorno pessoal, como os antecedentes familiares de problemas de personalidade, a hiperatividade na infância, os focos no cérebro que favorecem a irritabilidade, e uma educação consentidora e permissiva que não impôs normas nem limites às crianças.

A perda de valores, a falta de limites, a política do "tudo vale", a ausência de preparação para a frustração, a super proteção e a nula ou pouca comunicação na sociedade e na família favorecem o transtorno limite. Na perspectiva de Já Pain (1992, p. 32) destaca que, na concepção de Freud, os problemas de aprendizagem não são erros: "[...] são perturbações produzidas durante a aquisição e não nos mecanismos de conservação e disponibilidade [...]"; é necessário procurar compreender os problemas de aprendizagem não sobre o que se está fazendo, mas sim sobre como se está fazendo. O TLP, que surge na puberdade, é estável no tempo, e o paciente costuma melhorar ao chegar aos 35-40 anos, com mais lapsos sem sintomas e crise menos intensas e duradouras, o que parece indicar um amadurecimento da dolência.

No final, muitos afetados têm quadros depressivos, fruto da deterioração social, ambiental e afetiva acumulada, da ruptura ou da falta de redes sociais e da deterioração de suas relações, tendendo a se isolar e não resolver seus problemas.

Conclusões: Acreditar somente que problemas de aprendizagem é responsabilidade exclusiva do aluno, ou somente da família, ou da escola é, no mínimo pensar ingenuamente, perante a grandiosidade que é a complexidade do aprender, pois envolve diversos aspectos, esses que devemos estar atentos e dispostos a intervir diante das diversas dificuldades emergentes.

A atitude que devemos tomar enquanto profissionais em busca de uma educação de qualidade, com um menor número de adolescentes com dificuldade de aprendizagem, é intervir psicopedagogicamente sobre o problema da aprendizagem. Os problemas de aprendizagem e emocionais constituem uma situação real presente nas instituições escolares. E que cresce a cada ano.

Diante disso, é necessário que todos os envolvidos com questões educacionais, professores, pedagogos, realizem pesquisas que possibilitem conhecer cada vez melhor as relações entre os problemas de aprendizagem e os aspectos emocionais e familiares de seus alunos. Dessa forma, pode-se recorrer ao psicopedagogo para estruturar formas de ações e ou intervenções psicopedagógicas que clareiem e auxiliem o caminho percorrido pelos sujeitos. Faz-se necessário que todas as pessoas que estão envolvidas no processo educacional estejam atentas que para lidar com diversas situações de dificuldades de aprendizagem precisam estar preparadas para atuar como um profissional comprometido e assim visar garantir primeiro o um olhar de identificação do adolescente no ambiente escolar sem que o mesmo seja excluído, tendo a ideia que o processo educacional de aprendizagem e ele e que todas as dificuldades que irão surgir ao longo do percurso devem ser observadas, trabalhadas, com o objetivo de alcançar o desenvolvimento do pensamento cognitivo do indivíduo. Neste sentido podemos

destacar que através das análises que vimos desenvolvendo com os alunos, os quais apresentam uma dificuldade de aprendizagem, e comportamentos nocivos, podemos afirmar que os fatores emocionais e os familiares estão contribuindo para um grande déficit no seu processo educacional, ou seja, baixo rendimento escolar, associados com seus comportamentos; aqueles diretamente ligados a relacionamentos e habilidades sociais, os relacionados à fala, ao sono, ao ritmo, às tarefas, aos hábitos. Sendo estes fora do contexto da realidade social. Torna-se preciso refletir sobre como agirmos diante as dificuldades de aprendizagem dos alunos e das aparentemente atitudes de indisciplina em sala de aula. É comum prestarmos mais atenção às dificuldades, pois elas saltam aos olhos com muito mais evidências que as potencialidades. Podemos começar a pensar sobre a dificuldade de aprendizagem pelos acertos dos alunos. Assim, experimentando alguns sucessos, podemos abrir uma porta para a construção de um vínculo positivo com as demais áreas da aprendizagem que nosso aluno necessita aprimorar.

Referências:

MARTURANO, E. M., LINHARES, M. B. M., PARREIRA, V. L. C. Problemas emocionais e comportamentais associados a dificuldades na aprendizagem escolar. *Medicina Ribeirão Preto*, 26(2), 161-175. 1993.

MARTURANO, E. M.; MAGNA, J. C.; MURTHA, P. C. Contribuição ao diagnóstico das dificuldades de aprendizagem escolar. *Revista Psicopedagogia*, 11(24), 7-15.

Marturano, E. M., Magna, J. C., & Murtha, P. C. (1993). Procura de atendimento psicológico para crianças com dificuldades escolares: um perfil da clientela. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(1), 207-226.

Martín, E. & Marchesi, A. (1995). Da terminologia do distúrbio às necessidades educacionais especiais. Em C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar* (pp. 7-35) (M. A. G. Domingues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Roeser, R. W., & Eccles, J. S. (2000). Schooling and mental health. In A. J. Sameroff, M. Lewis, & S. M. Miller (Orgs.), *Handbook of developmental psychopathology* (pp. 135- 156). Nova York: Kluwer; Plenum.

FERNÁNDEZ, A. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.